

REFLEXÕES DE DUAS RESIDENTES SOBRE AS SUAS EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA À LUZ DE “PEDAGOGIA DA AUTONOMIA”

SOARES, Síntique Maressa Alves ¹
PAIXÃO, Acsa Silva da²

RESUMO: Este trabalho busca realizar uma análise do cenário geral de uma escola básica do município de Cruz das Almas - BA durante a edição 2022 - 2024 do Programa Residência Pedagógica Subprojeto Biologia à luz da obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, na perspectiva de duas residentes. Para a coleta de dados, foi utilizado o diário de campo das discentes autoras deste trabalho. Observamos que a realidade da escola é abrangentemente profunda e surpreendente, necessitando ser pensada em um contexto sócio-histórico-cultural, de forma que somente a nossa formação teórica, sem essa experiência prática, não poderia nos proporcionar tal conhecimento. A análise que realizamos demonstra a importância de programas de imersão na realidade da escola dentro da trajetória de um professor em formação.

PALAVRAS-CHAVE: práticas; desafios; docência; trajetória; Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica (PRP) tem como intuito a inserção do licenciando em sala de aula e na dinâmica da escola-campo como um todo. São 18 meses de comprometimento com o programa. Durante essa jornada, a regência torna-se, em si, uma atividade formativa. As horas de dedicação ao construir planos de aula, atividades lúdicas e correção de provas não se comparam ao momento de pôr os pés em sala de aula e participar dessa dinâmica de construção de conhecimento.

Após a experiência de estar com os alunos em sala de aula, poder compartilhar conhecimento e conhecer a realidade deles, tornou-se praticamente impossível não refletir sobre nosso papel em sala de aula. Durante o Programa de Residência Pedagógica (PRP), e principalmente devido ao uso do Diário de Campo, instrumento de registro onde posso descrever e detalhar cada aula e fazer reflexões

¹ Graduanda em Licenciatura em Biologia, Bolsista do Programa de Residência, Subprojeto Biologia, UFRB, Campus Cruz das Almas, BA, sintiquemaressa@aluno.ufrb.edu.br

² Graduanda em Licenciatura em Biologia, Bolsista do Programa de Residência, Subprojeto Biologia, UFRB, Campus Cruz das Almas, BA, acsapaixao@aluno.ufrb.edu.br

sobre elas, está sendo possível perceber as lacunas e as potencialidades de minha prática docente. O objetivo deste trabalho é tecer reflexões acerca das práticas de ensino-aprendizagem realizadas durante a minha permanência no PRP, os atributos e impasses, sob o olhar da obra intitulada *“Pedagogia da Autonomia”*, de autoria de Paulo Freire (1996).

2 METODOLOGIA

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos o Diário de Campo, o que nos auxiliou a sistematizar nossas observações no “chão da escola”. Através de nossas descrições, conseguimos ter o suporte experiencial suficiente para nos despertar à análise crítica da realidade da escola. O Diário de Campo é de cunho pessoal e intransferível, porém, foi essencial para organizar as nossas análises semanais das práticas docentes, planejamentos e ações realizadas, e para construir este relato. Segundo Warschauer (1993), os escritos são:

[...] como instrumento para a construção do humano, pois eles deixam marcas do vivido, das reflexões sobre elas, e abrem-se, indefinidamente, para novas possibilidades de retomada e atribuição de sentidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas vezes durante a prática da regência constatamos que a linguagem utilizada dificultou a compreensão de certos conteúdos, em outros momentos, reconhecemos que fomos um pouco rígidas demais em relação a prazos e cobrança de atividades, e em outros reconhecemos o quanto fomos assertivas no uso de determinada metodologia de ensino, por exemplo. Dessa forma, destacamos que a reflexão da prática não é somente importante para reconhecer as falhas, mas sobretudo para repará-las. A reflexão crítica da prática docente permite desenvolver melhorias e nos dá oportunidades de crescimento através da decisão de mudar aquilo que não funcionou da maneira que esperávamos.

Ao fazermos a leitura da seguinte afirmação de Paulo Freire (1996), pudemos notar a grandeza e a importância de cultivar essa prática: “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a

próxima prática.” (Freire, 1996, p.18). Dito isso, é essencial aprimorarmos constantemente a nossa prática docente, moldando-nos a partir das necessidades dos nossos educandos, pois examinando o passado é que se torna possível identificar erros e buscar melhorias para o futuro.

Para além das nossas próprias reflexões, também entendemos como importante levar em consideração as impressões dos estudantes acerca da nossa prática e a relação desta com o desempenho dos mesmos. Durante a regência, temos valorizado a aplicação de *auto* e *heteroavaliações* periodicamente, tendo em vista os benefícios que tal prática pode trazer ao processo de ensino-aprendizagem. Como resultado, temos observado alunos que substituem uma postura omissa dentro da sala de aula por um comportamento consciencioso, que compreende e valoriza o privilégio de poder desfrutar de uma educação gratuita e de qualidade.

Ademais, há a vantagem de alcançar dos próprios estudantes detalhes de onde podemos melhorar, das falhas que cometemos e nem mesmo percebemos que foram cometidas, mas que através da avaliação a qual nos submetemos somos capazes de captar e reparar. Afinal de contas, Freire (1996) afirma: “De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre.” (Freire, 1996, p.25)

Partindo para outro ponto, durante nossa participação no Programa Residência Pedagógica conseguimos compreender que a conexão com o estudante, olhar em seus olhos e interpretar expressões guiam nossa prática docente muito mais do que um planejamento. Aprendemos a ser maleáveis e entender que os estudantes nos surpreendem e nos desafiam, tanto com suas dúvidas quanto com suas respostas que, por sua vez, carregam as marcas de sua realidade, suas dores, seus conflitos e sua forma de ver o mundo, aprendemos na prática o que Paulo Freire quis dizer em *Pedagogia da Autonomia* (1996, p.20), onde afirma que a postura do professor que compreende os sentimentos, emoções, medos, desejos e inseguranças do estudante gera muito mais resultados positivos na educação do mesmo em comparação ao que ele chama de “*repetição mecânica do gesto*”, que pode ser traduzido como uma aprendizagem passiva e técnicas de memorização sem significado.

A partir de uma pergunta ou curiosidade, uma discussão em sala sobre o assunto, muda completamente o que nós pensávamos saber sobre o que eles

deveriam saber. Desse modo, quando lhes é dado o espaço, eles são sujeitos ativos desse processo. Em decorrência disso, torna-se clara a assertividade de Paulo Freire (1996) ao afirmar que:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (Paulo Freire, 1996, p.12)

Apesar disso, participar do programa desvelou uma série de carências do ensino básico que, enquanto estudantes de escola pública, nós não conseguíamos perceber. Dentre os maiores desafios, destacamos a apatia e o desinteresse por parte dos estudantes com relação aos assuntos concernentes ao meio ambiente. Os estudantes aparentemente não entendem a necessidade urgente de colocar em prática aquilo que é aprendido acerca dessa temática. Em um projeto na escola, denominado “Projeto Meio Ambiente”, em que a temática envolveu a preservação dos nossos recursos naturais, foi possível perceber estudantes argumentando sobre o tema de forma mecânica, e sem motivação alguma. Podemos confessar que não esperávamos uma paixão avassaladora pelo tema, mas almejávamos que, no mínimo, fosse dada a importância necessária. Há um visível distanciamento entre o que é ensinado e aquilo que gera interesse no estudante. Sobre esse impasse, Paulo Freire (1996) diz que: “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (Freire, 1996, p. 25)

A respeito do que foi dito anteriormente, admitimos que há uma relação direta do desinteresse dos estudantes com a forma como o conteúdo é tratado pelos professores e profissionais da educação. Enquanto é ensinado que o Planeta está em situação de vulnerabilidade e que ações humanas podem protegê-lo, e nosso discurso bonito apoia a redução do uso de sacolas plásticas, a economia de papel, economia de água, dentre outras boas práticas sustentáveis, nós estimulamos - e quando dizemos “nós”, referimo-nos à toda a comunidade escolar - os estudantes a produzirem mais e mais papeis, mais plásticos e de certa forma, mais lixo, em projetos que deveriam ser a favor da preservação do meio ambiente. A produção de cartazes manuais e maquetes utilizando uma ampla variedade de produtos descartáveis acaba sendo mais uma desvantagem do que vantagem quando analisamos à luz da conservação. Dessa forma, é correto afirmarmos que o desinteresse dos estudantes é um reflexo da forma como os próprios profissionais

da educação tratam essa temática. A respeito disso, Freire (1996, p.16) afirma que o professor que pensa certo deve também tomar atitudes corretas, ele deve não apenas expor em palavras ao seu estudante o que acredita, mas acima de tudo, demonstrar em suas ações o seu real comprometimento com o que defende.

Além do desafio direto com os estudantes, destacamos as condições, por vezes precárias, a que alunos, professores e gestores são submetidos. Durante os dois primeiros módulos do programa, reformas foram realizadas no prédio da escola, o que resultou em um deslocamento dela para um prédio escuro, com pouca ventilação e com instalações precárias. Sobre esses desafios estruturais, Paulo Freire destaca que isso impacta negativamente o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Freire (1996):

O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica (Freire, 1996, p.27).

Um ambiente escolar descuidado, decadente e negligenciado gera profissionais desanimados e incapazes de alcançar o seu melhor desempenho, e não apenas os profissionais, mas também os estudantes, que por muitas vezes se tornam desatentos e desinteressados em razão do ambiente precário em que estão inseridos, e por esse motivo têm seus desempenhos escolares prejudicados.

No que diz respeito a essa questão, o professor deve tornar-se maleável e, partindo de reflexões acerca do contexto em que está inserido, deve identificar caminhos alternativos viáveis, explorando novos ambientes e estratégias que possibilitem a evolução do processo de aprendizagem. Conscientes disso, foi a partir de reflexões e percepções da prática, que em momentos como este, em que o ambiente escolar não era favorável, buscamos opções de práticas fora da sala de aula, tal como na quadra escolar, na área verde e até mesmo em visitas a áreas de conservação e laboratórios presentes na cidade, haja vista que segundo Paulo Freire (1996): “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.” (Freire, 1996, p.28)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, diante das reflexões resultantes dessa experiência no Programa Residência Pedagógica, destacamos a importância de não desanimarmos, enquanto educadores - ou futuros educadores - pois a conformidade com a situação calamitosa da educação básica pública brasileira prevê um amanhã acomodado. Segundo Paulo Freire (1996):

o discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir (Freire, 1996, p. 30).

Em outras palavras, a educação do ser humano deve resultar em um indivíduo capaz de transformar a realidade em que vive, de forma que ele não seja apenas um figurante, mas um protagonista atuante na história de sua comunidade.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). A oportunidade concedida foi indispensável para o desenvolvimento deste trabalho, e por esse motivo queremos externar os nossos agradecimentos. Nossa profunda gratidão à nossa coordenadora de núcleo do PRP Subprojeto Biologia Rosana Cardoso Barreto Almassy, seu apoio é sempre fundamental para o nosso bom desempenho.

REFERÊNCIAS

- Freire, Paulo Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)
- Warschauer, Cecília. A Roda e o Registro: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993